

**Historia da Academia Real das Sciencias de Lisboa desde o seu principio até 1788.****[s.d.]**

IAN/TT (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa), Arquivos Particulares, Abade Correia da Serra, Caixa 3B, A 58.

5 f.

[Versão 1 (inacabada; 1f., f/v)]

*Historia da Academia Real das Sciencias de Lisboa desde o seu principio até 1788*

Quando as Letras depois de muitos seculos de trevas renascerão na Europa, foi a nossa terra das que ellas mais illustrarão. Sciencias, erudição, bom gosto, distinguirão os Portuguezes ao par das mais cultas nações, no mesmo tempo em que os novos descobrimentos, e remotas conquistas lhes davão hum lustre, que nenhuma então lhes disputava. Este relampago porem de sabedoria e bom gosto, sejam quaes forem as causas, o mesmo seculo que o vio luzir o vio apagado.

Turvos dias a estes se seguirão, até que o Senhor Rey D. Jozè I com a feliz reforma da Universidade de Coimbra fez de novo rayar a luz, e restituiu os Portuguezes às unicas veredas que levão ao verdadeiro saber. As sciencias antigas tornarão a ensinar-se com principios e methodo, e as que entre nos não havia, então se introduzirão em Portugal. Desde esta memoravel epoca começarão os Portuguezes a voltar seus olhos para o estudo da Natureza e das Sciencias exactas. Cada anno vio multiplicar o numero dos que as amão, e crescer ao mesmo passo a curiosidade e atenção do publico para sciencias de que tanto depende a sua felicidade.

Pouco antes da reforma da Universidade, as mudanças acontecidas na publica educação, tinham produzido<sup>1</sup> hum semelhante effeito, na cultura das nossas Letras. O espirito de critica, e o gosto dos antigos originaes havia insensivelmente passado das escolas de Letras Latinas, ao estudo das nacionais. Os Pais da nossa historia e os bons autores que tinham dado forma à nossa Lingoa no XVI seculo, tornarão não sò a ser lidos, mas estudados, e com elles a sobriedade o bom gosto, e mais severa critica voltarão a influir na Literatura Portugueza.

Todos os estabelecimentos porem do Senhor Rey D. Jozè I forão para melhorar o ensino, nem os breves annos que sobreviveo às reformas, nem a multidão de cuidados que tamanha empreza havia mister para consolidar-se, lhe derão azo para mais fazer. Restava porem hum passo que dar para as Luzes se arraigarem, e acelerar seus progressos. Portugal ficará devendo ao Feliz e Pacifico Reinado de Maria I.

[Versão 2 (4f., f/v)]

*Historia da Academia Real das Sciencias de Lisboa desde o seu estabelecimento em 1780 até 1788*

---

<sup>1</sup> *produziao*, no manuscrito.

Quando as Letras depois de muitos seculos de trevas renascerão na Europa, foi a nossa terra das que ellas mais illustrarão. Sciencias, erudição, bom gosto, distinguirão os Portuguezes ao par das mais cultas nações, ao mesmo tempo que os novos descobrimentos e as remotas conquistas lhes davão hum lustre que nenhuma então lhes disputava. Mas este relampago de sabedoria e bom gosto, sejam quaesquer forem as cauzas, o mesmo seculo que o vio luzir o vio apagado. Turvos días se lhe seguirão, até que o Senhor Rey D. Jozè I, com a feliz reforma da Universidade de Coimbra, fez de novo rayar a luz, e tornou a meter os Portuguezes nas unicas veredas que levão ao verdadeiro saber. As sciencias antigas tornarão a ensinar-se com principios e methodo, e as que entre nos não havia elle as introduzio em Portugal. Desde esta memoravel epoca começarão os nossos nacionaes a voltar seus olhos para o estudo da natureza, e para as sciencias exactas, e cada anno vio multiplicar-se o numero dos que as amão e as cultivão, e crescer ao mesmo passo a curiosidade e atenção do publico para estudos de que tanto depende a sua felicidade.

Todos os estabelecimentos do Senhor Rey D. Jozè I forão para melhorar o ensino, nem os breves annos que sobreviveo à reforma, nem a multidão de cuidados que tamanha empreza havia mister para consolidar-se, lhe derão tempo para fazer mais. Restava porem hum passo que dar para acelerar o progresso das Luzes e Portugal o ficará devendo ao feliz e pacifico Reinado da Nossa Augusta Soberana.

A experiencia de quiz[e] todas as nações Europeas tinha feito evidente a utilidade das associações litterarias para os progressos sobretudo das sciencias naturaes das exactas, e da literatura propriamente dita. Tão vasta e multiforme hê a natureza, e tão complicadas as sciencias precisas para interpreta-la<sup>2</sup>, que sem o mutuo auxilio dos que as cultivão mal pòde huma pessoa sò superara os obstaculos que neste caminho se lhe atravessão. As observações, e as experiencias passão às vezes as forças dos particulares, e os motivos de trabalhar em sciencias difficeis, e que não podem ter a ambição por estimulo são de ordinario mui fracos, se à curiosidade não accresse a emulação. O gosto mesmo das Letras amenas precisa de juizos sempre presentes e severos para purificar-se ao ponto de produzir obras perfectas, e dos mesmos tãobem necessita para conservar-se na sua pureza, e rezistir aos caprichos e inconstancias da multidão do vulgo.

As pessoas que em Portugal se interessavão ao progresso das Sciencias estavam persuadidas<sup>3</sup> destas verdades e dezejavão ver entre nos hum semelhante estabelecimento. Realizarão-se estes dezejos em 1779 com a chegada a este Reino do Duque de Lafoens D. João de Bragança. A viva parte que o Duque toma nos progressos das Letras que cultivava ajuntou arredor d'elle os que a mesma paixão animava e que o seu exemplo veio acalorar. A identidade dos dezejos formou a união; começaram-se em sua caza as conferencias para a formação do novo corpo, e no fim do anno apresentou-se a Sua Magestade o seguinte plano de estatutos, assinado pelas pessoas que então compunhão a nascente Academia = Duque, Vandelli, Barabacena, Almeida, Foyas, Faustino, Fonseca, Costa, Portugal, Mascarenhas, Alcaçova, Corrêa.

#### Estatutos

Foy Sua Magestade servida dar o seu Real beneplacito a este plano de Estatutos com o seguinte avizo

#### Avizo

Não foi o Real beneplacito o unico favor que Sua Magestade se dignou fazer à Academia nesta ocazião: mandou dar-lhe para sua rezidencia as salas em que tinha tido assento a Junta dos Tres

<sup>2</sup> *interpretalla*, no manuscrito.

<sup>3</sup> *persuadidos*, no manuscrito.

Estados no Palacio Real das Necessidades, e na tarde do dia 7 de Janeiro veio o Visconde Ministro e Secretario de Estado a pôr de posse dellas a Academia e dar-lhe no berço as primeiras provas do zelo com que em todo o tempo favoreceo os progressos desta Sociedade, e sollicitou ao pè do Trono quantas mercès ella tem alcançado.

A 17 de Janeiro de 1780 se juntarão os socios fundadores na nova caza, constituirão-se em corpo autorizado com a permissão da Soberana, e elegerão para seu Prezidente o Duque de Lafoens, para Secretário o Visconde de Barbacena Luiz Antonio Furtado para Director da Classe das Sciencias de Observação a Domingos Vandelli, para o mesmo lugar na das Sciencias de Calculo a D. João de Almeida Portugal Marquez de Alorna e na de Litteratura Portugueza a D. Miguel de Portugal e Castro. Começou desde este ponto a existir em Portugal huma sociedade unicamente destinada ao adiantamento das Sciencias, das Letras, e das artes, e queira o Ceo que por dilatados annos, muitos e mui venturozos effeitos, fação este dia tão memoravel aos olhos da posteridade, quão respeitavel hê a sua lembrança para a Sociedade que nelle teve principio.

Escolheu a nova corporação para seu sello a figura de Minerva com as armas Reaes na sua Egida, e por deviza o verso de Fedro Nisi utile est quod facimus stulta est gloria. A natureza desta Sociedade assaz explica o sello, assim como a deviza mostra o fim para que se ajuntou.

Nas sessões seguintes até ao mez de Julho, escolherão-se novos socios para encher o numero estabelecido no plano, e fizerão-se as disposições necessarias para começar a trabalhar regularmente, estabelecer correspond[encia,] excitar os animos dos que até então tinham cultivado estas sciencias na solidão e na escuridade, e finalmente a 4 de Julho dia de Santa Izabel Rainha destes Reinos que a Academia escolheu para sua Patrona, se deu principio às assembleas litterarias, com huma publica a que assistirão Suas Altezas o Sr. D. Antonio e o Sr. D. Jozè, os Ministros de Estado e a principal nobreza do Reino. Lerão-se nella varias memorias, e recitou huma oração de abertura o padre Teodoro de Almeida. Nos annos seguintes honrarão a Academia com os seus discursos, da abertura dos annos Academicos o Marquez de Penalva Manoel Telles da Silva (1782), o Conde de Tarouca Fernão Telles da Silva (1787)<sup>4</sup>, e o Conde da Ponte Jozè Antonio de Saldanha (1788). O Duque quiz satisfazer a este costume nos outros annos, e julgou ser proprio do Prezidente exprimir os sentimentos da Academia todas as vezes que esta Sociedade houvesse de parecer em publico.

Quaes tenham sido as occupações e os trabalhos da Academia desde esta epoca até ao principio de 1788 mostra-lo-hão<sup>5</sup> este primeiro volume das suas memorias, e o que se lhe ha de seguir. Se o publico imparcial atentar às difficuldades sem numero que hum estabelecimento novo deve encontrar, e quão lentos são por natureza os primeiros passos que se movem em toda e qualquer carreira, acharà nestas memorias dos primeiros annos da Academia com que conceber assaz de esperanças para o futuro, e justificar a inevitavel demora que houve em satisfazer a sua impaciencia. Dar neste lugar huma analize de cada huma destas memorias, e huma idea da sua utilidade, parecera por ventura querer prevenir o juizo do publico ou sollicitar o seu favor. Nenhuma destas duas couzas hê nossa intenção fazer, e por isso deixando esse cuidado aos leitores daremos aqui somente a noticia 1º dos favores com que a Nossa Augusta Soberana se tem dignado excitar o zelo da Academia para o seu Real serviço, 2º dos programmas que a academia tem publicado neste periodo<sup>6</sup>, e do effeito que produzirão 3º dos estabelecimentos que esta Sociedade intentou 4º das obras que neste tempo publicou ou seus socios lhe offerecerão.

Pouco antes da reforma da Universidade, as mudanças acontecidas na publica educação, tinham produzido hum semelhante effeito na cultura das Letras Nacionaes. O espirito de critica, e o gosto dos antigos originaes havia insensivelmente passado das escolas de Letras Latinas, ao

<sup>4</sup> Ou 1782, já que o último algarismo está rasurado.

<sup>5</sup> *mostrallo hão*, no manuscrito.

<sup>6</sup> *periodos*, no manuscrito.

estudo das Nacionaes. Os bons autores que tinham dado forma à nossa Lingoa no XVI seculo e os pais da nossa historia tornarão não só a ser lidos, mas estudados, e com elles a sobriedade o bom gosto, e mais severa critica [tornarão/tinhão]<sup>7</sup> tãobem a influir nas nossas Letras.

---

<sup>7</sup> Ambas as palavras estão rasuradas no manuscrito e o Autor acabou por não escrever outra no seu lugar.